



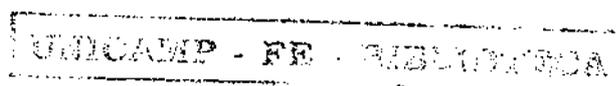
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
FE – Faculdade de Educação

A educação sexual nos livros didáticos

Ana Carolina Fornaziero Campillo Lorente

0018.8007

Campinas, 02 de junho de 2008.



UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
FE – Faculdade de Educação

A educação sexual nos livros didáticos

Graduanda: Ana Carolina Fornaziero Campillo Lorente

Orientador: Prof. Dr. César Nunes

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência para
aprovação no curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da UNICAMP,
sob orientação do Prof^o Dr. César Nunes.

Campinas, 02 de junho de 2008.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

© by Ana Carolina Fornaziero Campillo Lorente, 2008.

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	TCC/Unicamp
	L886e
V:.....EX:.....	
TOMBO:.....	3726
PROC:.....	129/08
C:.....D:.....	x
PRECO:.....	11,00
DATA:.....	09/10/08
Nº CPD:.....	445637

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

L886e Lorente, Ana Carolina Fornaziero Campillo.
A educação sexual nos livros didáticos / Ana carolina Fornaziero Campillo
Lorente. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : César Aparecido Nunes.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Sexualidade. 3. Educação sexual. 4. Livros didáticos. I.
Nunes, César Aparecido, 1959- . II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-153-BFE

ÍNDICE:

1. Introdução.....	p. 3
2. Referencial histórico-filosófico	p. 8
2.1 A sexualidade	p. 8
2.1.1 A diferença entre sexo e sexualidade	p.10
2.2 Histórico da educação sexual.....	p. 12
2.3 Repressão Sexual	p. 17
3. A educação sexual: seus limites e possibilidades na escola.....	p. 18
4. O livro Didático	p. 25
5. Metodologia	p. 28
6. Análise dos livros paradidáticos.....	p. 31
6.1 Ceci tem pipi? Lenain, T	p. 31
6.2 Coleção sexo e sexualidade. Lopes, C.	p. 32
6.3 Mamãe nunca me contou. Cole, B.	p. 34
6.4 A educação sexual das crianças. Nunes, C.....	p. 34
6.5 Educação sexual. Coleção de DVD's Nunes, C.....	p. 35
6.6 Crianças, Adolescentes e moços: sua educação sexual. Chaves, O.	p. 36
7. Disponibilidade e acesso	p. 38
8. Conclusão.....	p. 39
9. Anexos	p. 40
10. Bibliografia	p. 44

1. Introdução:

A presente pesquisa aborda a temática da educação sexual nos livros didáticos, despertando a atenção para questões relacionadas à vivência da sexualidade na infância e na adolescência. Sob o olhar da pesquisadora, concluinte do curso de pedagogia em uma universidade pública e conceituada, algumas preocupações quanto à inexistência da temática da sexualidade na formação de professores, e ao que fazer com crianças e adolescentes que estão se defrontando com seus próprios desejos e sentimentos, diante das dúvidas e ressentimentos nas escolas, na família e na sociedade, desenvolve-se esta pesquisa, a qual pretende investigar como essa temática vem sendo abordada nos livros disponíveis aos professores do ensino básico.

De acordo com Rena (2003), vivemos um contexto sócio-cultural marcado pela exacerbação do erotismo, pela banalização das relações e pela reificação do corpo e da pessoa, o que vem sendo retratado nos programas televisivos, nas imagens de outdoors, na letra das músicas, etc.

As crianças e adolescentes, ao receberem essas informações culturais, trazem-nas para a sala de aula e ali estão modificando essas informações e construindo sua própria visão sobre esse contexto na interação com os outros e com o meio. Educar e educar-se afetiva e sexualmente, construindo homens e mulheres livres e conscientes é responsabilidade dos pais e educadores. A resposta a este desafio, de acordo com Rena (idem) exige o reencontro da pessoa como uma

unidade inserida no contexto social – incluindo o seu sexo e a forma com que expressa o fato de ser sexuada.

De acordo com Nunes (2005), somos seres marcados pela sexualidade, dessa forma, para entender a criança como um ser social, não podemos desprezar o desenvolvimento de sua sexualidade.

Nunes afirma que a sociedade sofreu uma expansão do discurso e da representação da sexualidade não acompanhada de uma ética sobre o tema e, por isso, vivemos uma sexualidade exibicionista que se torna um produto de consumo. Vivemos, diz ele, uma sociedade pan-sexualista, na qual se faz necessário uma melhor compreensão, por parte principalmente dos educadores, para uma reflexão crítica sobre qual a educação sexual que queremos que nossas crianças e adolescentes recebam.

A escola, contraditoriamente, vem tratando da sexualidade da criança de forma equivocada quando a reprime e a inibe com afirmações mentirosas que amedrontam as crianças ou com punições simbólicas. Muitas vezes os professores se assustam com perguntas sobre a sexualidade, acreditam que são perguntas precoces, ignoram os questionamentos das crianças e negam a elas a informação que desejam.

É preciso entender que a criança, desde seu nascimento, explora seu corpo e expressa sua sexualidade para a sua formação individual, enquanto recebe da sociedade os padrões e normas de conduta que deve seguir.

Assim, quando não há educação sexual pelos pais, família e professores, cria-se uma ausência de valores éticos, preenchida pela educação que ela irá receber da mídia e dos meios de informação que a sociedade dispõe.

Na sociedade atual existe uma forma de repressão que pressiona para exibir o corpo e a sexualidade como força mecânica e consumista. A televisão assumiu um papel de excitação e o *novelismo* passou a reger a composição da nova família brasileira formando um imaginário voltado para o consumo da sexualidade. Entretanto, a criança, apesar de exposta, a todo o momento, a essa ditadura comportamental da mídia, não tem condições de trabalhar com esse modelo exibicionista (Nunes, 2005).

Diante dessas questões, uma educação descritiva e informal sobre a reprodução humana, que expõe o corpo humano dividido em “aparelhos e sistemas” torna-se insuficiente para uma formação sexual emancipatória. A educação sexual deve ter informações carregadas de valores éticos, estéticos, comportamentos referenciais, densidade afetiva, responsabilidade, para assim se tornar uma educação política, que forneça mecanismos para a criança ser consciente e autônoma sobre o desenvolvimento de seu corpo e de sua individualidade.

“Hoje, mais do que nunca, há necessidade de uma educação sexual revolucionária. Tanto para fazer a crítica dos modelos tradicionais, impostos pela educação formal, como para poder fazer frente à industrialização, consumo e objetualização do sexo e do corpo, presentes na cultura consumista e sexista atual.” (Nunes e Silva, 2000, p. 83).

Em outras palavras, é necessário que o educador intervenha visando uma educação sexual emancipatória, ou seja, uma formação capaz de fazer com que os educandos se tornem críticos o bastante para realizarem escolhas conscientes sobre suas próprias atitudes sexuais.

A escola, no que diz respeito à educação sexual, tem se encarregado apenas da informação, porém, de acordo com Werebe (1977, p. 10), não se pode dissociar a transmissão da informação de seu caráter formativo e ideológico. Sendo assim, sempre há uma educação sexual sendo transmitida pela instituição, a qual, muitas vezes, silencia ou nega a sexualidade infantil e irá fazer parte da formação moral e estética da criança.

“A educação sexual pela omissão – ou pela repressão - pode ser considerada como forma negativa de educação, no sentido de que nega aos alunos uma informação correta sobre a sexualidade, negando assim, de uma certa maneira, o seu direito à vida sexual” (ibdt, p.23).

Por todo o exposto, entendemos que a escola se encontra diante de um desafio estimulante no qual tem um importante papel e uma grande responsabilidade social. Para tanto, precisa estar preparada para tratar sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil. Principalmente, pois, tem encontrado dificuldades ao trabalhar este tema, resultado do abandono de uma reflexão crítica e humana.

Em nosso país, a política de formação de professores não está voltada para dimensões pedagógicas que contemplem a sexualidade e, ainda, retira o incentivo de os professores trabalharem uma cultura global que dê conta de uma

interpretação científica da realidade. Dificilmente os professores encontram livros didáticos que proponham uma educação sexual que não biologicista, centrada na função reprodutiva da sexualidade humana. Nesse sentido torna-se importante pensar qual é a educação que esses livros propõem.

Nesse contexto, essa pesquisa pretende apresentar a atividade sexual como parte da personalidade humana, atrelada ao indivíduo desde seu nascimento. Reconhecendo que a criança também expressa sua sexualidade e demonstra curiosidade a respeito dela, o presente trabalho questiona a validação da educação sexual que vem sendo ministrada na maior parte das escolas, de maneira repressora e moralista, a qual despreza a importância que a sexualidade tem para o desenvolvimento da individualidade do ser humano. Além disso, estabelece a ligação do estudo da educação sexual emancipatória com a análise de um dos principais auxiliares do trabalho pedagógico: o livro didático.

2. Referencial Histórico-filosófico

2.1 A sexualidade:

De acordo com Nunes (2005), a sexualidade pode ser definida como um conjunto de valores, regras, representações, vivências, simbologias pessoais e coletivas que marcam nossa identidade. A sexualidade perpassa a subjetividade e a sociedade, baseando-se nas características exclusivamente humanas de afetividade e erotismo, é marca do indivíduo e de sua identidade.

“Nossa compreensão primordial fundamenta-se na idéia de que a sexualidade não é uma ‘parte’ ou ‘complemento’ da condição humana. Não se trata de uma dimensão secundária, vinculada às demais habilidades e potencialidades humanas. Ao contrário, entendemos que a sexualidade é uma marca única do homem, uma característica somente desenvolvida e presente na condição cultural e histórica do homem. Este homem é um ser sexuado. Assim, tudo o que faz ou realiza envolve esta dimensão de ‘ser sexuado’, isto é, de constituir uma sexualidade, uma significação e vivencia da mesma, diversamente da determinação instintiva e primariamente animal e reprodutiva. A sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas.” (Nunes e Silva, p. 73, 2000).

De acordo com Foucault (2006), existem dois conceitos sobre a sexualidade. Um deles, criado no Oriente, enxerga a sexualidade como uma arte erótica. O outro, presente em nossa sociedade ocidental, é o que desenvolveu a Ciência da Sexualidade, criando uma forma de controle e normalização da sexualidade.

“... a partir do fim do século XVI, a ‘colocação do sexo em discurso’, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfas e que à vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou – sem dúvida através de muitos erros - em constituir uma ciência da sexualidade” (Foucault, p. 19, 2006).

Nesse sentido de controle e poder da sexualidade, Reich (1974) dedicou-se a analisá-la como uma forma de “política sexual”, acreditando que a repressão sexual da sociedade é um fator importante à medida que produz uma influência moral em toda a sociedade.

Para Mielnik (1980), a sexualidade é uma energia psíquica ligada ao desenvolvimento de todo o corpo, especializada na obtenção de satisfação, seja a de um bom almoço ou a satisfação de um desejo, como nadar, viajar. Dessa forma, sexualidade significa a busca pela satisfação geral, estética, espiritual, auditiva, visual, e não necessariamente ao prazer dos órgãos genitais ou das relações sexuais. Assim, a sexualidade infantil não se refere à sensualidade do adulto, ou seja, sexo para a criança não traz as implicações e os desejos existentes no adulto.

2.1.1 A diferença entre sexo e sexualidade:

O SEXO é uma marca animal e biológica, caracterização genital e natural.

Segundo Santos (2001) pode-se definir sexo como o que distingue o macho da fêmea, conferindo-lhes características diferentes, ou seja, sexo é a identidade sexual.

A SEXUALIDADE, afirma o autor, diferencia-se do sexo por ser uma dimensão inerente ao ser humano, marcada pela cultura, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se com singularidade em cada sujeito.

Ou seja, a sexualidade é uma marca humana cultural que contém significação ética, estética, política, religiosa. Assim sendo, a sexualidade atribui um sentido social à reprodução.

Ou seja, somente a espécie humana possui uma sexualidade, uma qualidade cultural e significativa do sexo. Portanto, a sexualidade infantil é a construção cultural da significação pessoal e social da marca genital (Nunes e Silva, 2000).

Por isso, uma educação descritiva e informal, que trabalha apenas a reprodução humana, e expõe os órgãos genitais da menina e do menino como parte de um aparelho de reprodução, representando o corpo humano de forma partilhada, não é suficiente para trabalhar qualitativamente a sexualidade da criança.

“... falar em dimensão instintiva ou reduzir a esfera da sexualidade humana a uma mera dimensão animal, natural ou reprodutiva é precisamente tirar dela sua dimensão mais cara e significativa, até mesmo sua espiritualidade.” (Ibdt, p. 74).

A esse respeito Nunes (2005) acredita que não é o acesso a informações biológicas que lhes dará a ética e a estética sexual necessária para uma educação emancipatória, pois isso não é suficiente para expressar o comportamento humano.

Assim, ele defende uma educação sexual emancipatória, que não seja apenas médico-higienista:

“A emancipação pode ser entendida como a formação para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora” (Nunes e Silva, 2000. p. 17).

Além desse autor, Barosso e Bruschini (1982) também entendem que a educação sexual ministrada na escola não deve se reduzir à transmissão de informações sobre a reprodução humana:

“É importante que um programa dessa natureza, para ser efetivo, se apóie no conhecimento do universo de valores, atitudes e informações subjacentes aos comportamentos dos estudantes e de seus professores. É também desejável que um programa de educação sexual não limite artificialmente seus objetivos a questões de reprodução e inclua um questionamento do significado mais amplo do sexo para o indivíduo e para a sociedade”. (Barosso e Bruschini, 1982, p.10).

2.2 Histórico da Educação Sexual:

De acordo com Barroso & Bruschini (1982), a entrada do discurso sobre a sexualidade na escola se deu na França, a partir da segunda metade do século XVIII. Foi a partir desse período que a chamada Educação Sexual começou a preocupar os educadores.

Werebe (1977) aponta que na segunda metade desse século começava acentuar-se a repressão sexual, devido a chegada da urbanização que provocara profundas mudanças na vida coletiva e estabelecia a família como principal pilar social. Essa repressão fundamentava-se na ideologia familiar que permitia o sexo apenas depois do casamento, visando a reprodução.

O relacionamento com as crianças também estava em mudança, nascia o sentimento de infância, a infantilização dos pequenos, o que acarretou em uma mudança na linguagem na comunicação com as crianças. Isto pode ser evidenciado nas adaptações dos contos de fadas. Dessa forma, a educação sexual que se instalou na França foi acompanhada de uma censura à linguagem sexual.

A ideologia familiar e a crescente repressão sexual harmonizavam-se bem com as idéias da pedagogia nascente, destacando-se o pedagogo Rousseau, para quem a ignorância era a melhor forma de manter a pureza infantil.

"Com efeito, vai-se despojar a criança de todo o elemento sexual, vai recusar-lhe o direito de ter uma sexualidade. Esta, que já era tolerada no adulto dentro dos limites estritos, não é admitida na criança. A inocência e a pureza, que lhe são atribuídas, correspondem a uma ausência de sexualidade. Por isso, esta é considerada como equivalente de impureza" (Werebe, pág. 51, 1977).

Dessa forma, nasce a educação sexual na França, sob um discurso repressor e moralista, que tinha como objetivo maior combater a masturbação. “A criança e o adolescente foram assim condenados a viver a sua sexualidade no meio do temor e da culpabilidade” (ibdt, pág 57).

Um século depois (final do séc. XIX), é reclamada a educação sexual intencional, buscando o controle da natalidade, o direito a maternidade livre e do planejamento familiar. Segundo destaca Werebe (1977), Freud teve um importante papel nessa discussão, pois devido aos trabalhos que ele desenvolveu a sexualidade encontrou seu lugar no desenvolvimento psicosssexual da criança. Ele criticou o estado de ignorância das crianças em relação ao desenvolvimento sexual.

No século XX retomam-se as discussões acerca da abordagem da sexualidade nas escolas, preocupadas agora com as doenças venéreas, a degenerescência das raças e o aumento do aborto clandestino. Também ocorreram iniciativas favoráveis à Educação Sexual, desta feita com a finalidade de ensinar os jovens a transmitirem a vida, dada à relação entre instinto sexual e reprodução humana.

Em 1930, surgem movimentos defendendo a educação sexual para conscientizar as mulheres de que a maternidade não é um dever social. Já em 1968 projetos são encaminhados ao governo da França, reclamando instrução sexual nas escolas a partir de temas como Fecundação, desenvolvimento do ovo, gravidez, parto, recém-nascido, elementos de informação sexual. Porém, somente em 1973 o ministério da educação nacional da França introduz oficialmente a educação sexual na escola.

O documento apresentado pelo ministério defendia que a educação sexual se tornara necessária, pois já não era possível manter os jovens na ignorância, visto que eles se achavam confrontados com as questões sexuais muito mais cedo que outrora, “face a difusão de toda a espécie de informações veiculadas pelos *mass media*” (apud). A informação sexual foi, então, inserida no quadro de ensino de biologia.

No Brasil, a história da educação sexual pode ser dividida em três grandes fases. A primeira, considerada a Fase da Negação, de 1500, época da educação jesuíta, até 1930. Neste período, não havia espaço para a discussão da sexualidade, toda e qualquer tentativa era considerada perversão.

A segunda fase, de 1930 a 1997, foi a época de debates e discussões em busca da melhor proposta de educação sexual, tendo a preocupação com a AIDS e a saúde pública como motivadora da implementação da educação sexual.

Nessa fase, destaca-se a década de 1960, que constituiu um período de grandes discussões acerca da educação sexual. Entretanto discursos moralistas e puritanos brecharam a implantação e provocaram a intensificação da censura de obras teatrais e literárias, de filmes e programas de televisão.

Werebe (1977) afirma que até o ano de 1976 a educação sexual não havia sido reconhecida oficialmente, no âmbito escolar as realizações práticas foram promovidas como ensaios pedagógicos.

Em 1997, O Ministério da Educação do Brasil produziu um documento que orienta a atuação escolar, os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), no qual a educação sexual aparece como um tema transversal, sob o título de Orientação

Sexual. Este documento marca o início da Fase de Construção da educação sexual, período que estamos vivendo, no qual há o reconhecimento da necessidade de se construir a educação sexual no âmbito escolar.

Nesse contexto é que está a importância desse documento, pois demonstra que o Estado assumiu a necessidade da implementação da educação sexual.

Além disso, é um avanço frente às propostas anteriores, pois propõe tratar esse tema não apenas sob o aspecto biológico, mas cultural e psicológico.

“Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes” (Brasil, 1997).

A justificativa encontrada pelo governo para abordar esse tema é de que desde a década de 1970 vem se intensificando a discussão da introdução da orientação sexual nos currículos escolares brasileiros. Antes se acreditava que os pais não receberiam bem a introdução desse assunto na escola, mas uma pesquisa da Folha, em 1993 demonstrou que 86% das pessoas ouvidas eram favoráveis a essa introdução nos currículos.

Além disso, a mídia traz muitas informações sexuais voltadas aos adultos, e que

“As crianças também os assistem, mas não podem compreender por completo o significado dessas mensagens e muitas vezes constroem conceitos e explicações errôneas e fantasiosas sobre a sexualidade”.

“Todas essas questões são trazidas pelos alunos para dentro da escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa” (Brasil, 1997).

Nunes (2005) acredita que essas grandes mudanças sociais influenciam a constituição da família atual. Assim, a família, que era patriarcal, também ganhou um novo significado e uma nova estrutura. Hoje encontramos muitas famílias que estão unidas na mesma unidade habitacional, mas os pais estão separados dos filhos no universo ético. Isso acarreta mudanças nas representações e nas vivências sobre a sexualidade.

Desta maneira, encontramos, atualmente, muita informação sexual, no âmbito biológico, psíquico, mas nada em educação sexual ética e identidade moral.

Por isso é que ainda é preciso construir a educação sexual no Brasil, muitas mudanças ainda precisam ser realizadas no âmbito educacional.

Existe um abismo entre as sugestões apresentadas nos PCN's e a viabilidade prática da orientação sexual na escola, referente à formação do professor, à disponibilidade de materiais, à metodologia para o trabalho escolar e ao suporte teórico dos educadores.

Vivemos um avanço histórico na educação sexual, que ainda está longe de ser ideal.

2.3 Repressão Sexual:

Nunes (2005) afirma que cada momento histórico tem sua forma de repressão. Na sociedade atual, a repressão é consequência de uma Educação Sexual sem critérios ou valores éticos, imposta pela ditadura comportamental que a mídia transmite.

Segundo Mielnik (1980), a sociedade moderna deu apoio incondicional às atividades comerciais e industriais, as quais atuam através de estímulos sobre o público, utilizando-se principalmente de apelos sexuais. Dessa maneira, desde cedo, a criança está em contato com o mundo da sensualidade adulta por meio das propagandas televisivas, *outdoor*, revistas, etc, que transmitem uma malícia com a qual a criança não está apta a lidar.

Além disso, esse apelo da mídia à erotização do corpo, provoca os adolescentes e jovens a iniciarem uma vida sexual para qual nem sempre estão prontos psicologicamente.

A questão da repressão sexual é o assunto apontado como principal interesse de discussão de jovens e adolescentes na pesquisa de Barroso & Bruschini (1982)¹, a qual demonstra que os jovens encontram-se intimidados com essa pressão.

Entende-se, portanto, que a pressão para perder a virgindade, para ativar a vida sexual, para se posicionar como heterossexual, o apelo da mídia e da sociedade para a exibição da sexualidade e da sensualidade, perturbam os jovens e adolescentes e os levam a procurar espaços de discussões e debates que lhes proporcionem meios de lidar com essa repressão.

¹ Barroso, C. e Bruschini, C. **Educação Sexual: debate aberto**. Petrópolis: Vozes, 1982.

3. A educação sexual: seus limites e possibilidades na escola.

A educação sexual é um aprendizado automático, constante e inconsciente de atitudes e significações corporais e psicológicas com início no nascimento do indivíduo. O bebê começa a aprender, desde seu nascimento, por meio do exemplo dos pais e familiares, e essa educação continuará por toda sua vida.

A educação sexual, portanto, não é restrita ao âmbito familiar ou escolar. As informações sexuais e as significações que nossa sociedade produz sobre a sexualidade podem ser percebidas em qualquer instituição.

Segundo Nunes e Silva (2000), a criança vive sua sexualidade desde que nasce, no contato sexual com a mãe, com o mundo exterior e estabelecendo sua percepção corporal em diferentes fases de sua vida. Na criança, "o corpo é seu universo sexual assim a noção de corpo é essencial para a noção da sexualidade" (p. 52).

De acordo com Mielnik (1980), a educação sexual recebida no lar traz a marca específica e particular dos pais, peculiar a cada ambiente familiar. Além disso, os pais geralmente educam a criança a partir do ponto de vista subjetivo, referindo-se ao indivíduo em uma situação específica e individual. Já a educação recebida na escola prepara a criança para encarar as situações de forma objetiva, dentro de um contexto geral e amplo, visando um preparo social. Por isso, a escola tem uma responsabilidade social também na educação sexual do indivíduo.

Segundo Werebe (1977), todo o ensino (sexual ou outro) oferecido pela escola leva a marca ideológica que assinala a educação escolar no seu conjunto,

visto que a estrutura e o funcionamento do sistema de ensino em geral são definidos pela sociedade, em função do tipo de educação encarado por essa sociedade, dessa forma:

“Inseridas no enquadramento escolar, a informação e a educação sexuais encontram-se perante as mesmas expectativas, limitações, dificuldades e contradições que se aplicam a toda a forma de educação escolar”.

(...)

“Estes problemas e dificuldades são agravados pela interferência dos preconceitos, dos tabus e dos interditos à volta da sexualidade que pesam grandemente sobre a informação e educação sexuais e marcam, em consequência, as situações particulares em que as ações se exercem” (Ibdt, p.20).

Entende-se, portanto, que as imposições sócio-culturais que atuam na escola limitam a educação sexual, porém dentre as inúmeras maneiras de educar há algumas que são mais prejudiciais, de forma que ao escolher uma dada modalidade de informação e de educação sexuais escolhe-se a orientação que se quer dar a essas ações.

Assim, como fator de mudança social a escola deve satisfazer as exigências de uma civilização em transformação, que reclama a criatividade intelectual e ética (Werebe, 1977).

A criança passa muitas horas de seu dia no interior da escola onde se expressa com naturalidade sem esconder ou disfarçar suas intenções e emoções carregadas de afetividade e sexualidade durante suas vivências no cotidiano escolar. Assim, a escola se torna um espaço importante na construção da individualidade e da subjetividade de cada uma delas, sendo, portanto, um dos

locais de onde a criança irá retirar informações e comportamentos que irão orientá-la no seu comportamento sexual.

“A sexualidade infantil é muito mais autêntica porque as crianças em geral não precisam provar nada a ninguém e também não estão preocupadas com os padrões de ‘normalidade’ que a sociedade impõe aos adultos. Reprimir a sexualidade das crianças é reprimir seu corpo, que se constitui na base real de seu próprio ser, sua relação consigo mesma e sua personalidade. Porque, afinal, não existe uma separação entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta. Existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e conseqüentes” (Nunes e Silva, p.52, 2000).

De acordo com Mielnik (1980), a criança investiga e explora a sexualidade com naturalidade, sua curiosidade a respeito dos assuntos sexuais é a mesma que lhe permite aprender sobre as demais atitudes humanas. Essa curiosidade é parte do desejo de incorporar o mundo externo, de fazer com que se torne parte dela mesma. Isso é o que torna possível o progresso e a sociabilidade da criança, “que, tendo nascido ignorante, é obrigada em pouco tempo, relativamente (6 a 10 anos) a aprender tudo ou quase tudo da experiência acumulada em anos pelo adulto” (p. 86). Assim, as perguntas que fazem devem ser estimuladas. Porém, repelir essa curiosidade e não deixar que a criança faça investigações cria um ser humano, retraído, apático, inseguro e desinteressado do ambiente em que vive. Responder às perguntas que as crianças fazem com relação a sexualidade com naturalidade fará com que elas aprendam a encarar com respeito as noções que recebem, sem considerar um assunto misterioso ou vergonhoso.

“Uma informação correta sobre os fatos sexuais, principalmente sobre aqueles que tocam de mais perto o adolescente, pode certamente ajudar a modificar certas atitudes e representações (precisando ou corrigindo os conhecimentos sobre que estão fundadas), e a adquirir outras novas. Este contributo da educação sexual no plano cognitivo pode ter repercussões no plano das atitudes, e igualmente no plano emocional, e talvez no plano da ação” (Werebe, 1977, p. 26).

Diante dessa questão, Nunes (2005) coloca a necessidade de educadores e pais:

1. Buscarem informações: textos, referências, história da sexualidade, história da mulher, da criança.
2. Compreenderem as manifestações da sexualidade da criança: Buscar informações na psicologia, em Freud, para entender o desenvolvimento psico-sexual da criança.
3. Entenderem a didática da educação sexual: como agir com as crianças quando elas estão expressando sua sexualidade – Orientação sexual sem determinações moralistas.

Na escola, a educação sexual deve estar presente desde a educação infantil, a qual instrui a crianças nos seus primeiros momentos de descoberta sobre si mesma, de forma que assumi um importante papel no desenvolvimento biológico, cognitivo e afetivo destas, na estimulação ou na repressão dos comportamentos das crianças.

É relevante reconhecer que a formação pessoal, cultural e social, a personalidade, as vivências psíquicas do educador intervirão na maneira de orientar sobre a sexualidade (Mielnik, 1980). Portanto, é preciso buscar informações visando a superação da formação que o professor recebeu, visto que a discussão sobre sexualidade apenas atualmente começa a ser considerada.

Além disso, a instituição escolar deve estar ciente de que existe educação sexual sendo ministrada mesmo por meio da omissão, e que ao negar informações corretas sobre a sexualidade, nega o direito e o dever a uma vida sexual consciente e responsável.

Visando uma educação emancipatória, os educadores precisam reconhecer que as atitudes sexuais são parte da personalidade humana, que o sexo não é mais um mistério, pois a criança tem acesso a muitos conhecimentos sobre sexualidade, mas precisa de ajuda para dominar essas informações.

“O potencial de expressão da criança traz em si a expressão da sexualidade. É importante que saibamos que quando trabalhada adequadamente essa expressão jamais se torna obstáculo para as atividades pedagógicas, ao contrário, colabora grandemente para que o educador ganhe a confiança do grupo e desenvolva as atividades escolares com muito mais segurança e sucesso” (Nunes e Silva, P. 77, 2000).

Quando a criança se expressa sobre a sexualidade é responsabilidade do professor ser verdadeiro em suas respostas e encarar com naturalidade o assunto, preservando e respeitando a confiança que lhe foi depositada (Mielnik, 1980).

Ademais, como salientam Barroso e Bruschini (1982) e Nunes (2005) para trabalhar a educação sexual é necessário que o educador assuma uma postura

franca e honesta diante da própria sexualidade e se comprometa a buscar a verdade das coisas, procurando na ciência, na pesquisa e no aprofundamento intelectual a consciência crítica necessária para viver os valores e conceitos que queremos transmitir. A ética sexual que queremos deve estar na nossa grade de valores.

A educação sexual de acordo com Barroso e Bruschini (1982), “deve ter um caráter formativo amplo”, ou seja, propiciar a livre discussão de padrões de comportamento em relação à sexualidade, sem deixar de lado a informação científica (e sem fazer desta a principal abordagem), visando contribuir para a realização do ser humano, a emancipação da mulher e a aceitação do prazer na vida sexual, cuidando para que não tenha um caráter normativo, deixando aos jovens as opções a serem tomadas.

Segundo Mielnik (1980), “a criança deve aprender não só sobre o funcionamento do próprio corpo, como ainda o funcionamento da sociedade humana em que vive: as funções dos rins, coração, pulmões, cérebro e órgãos sexuais, bem como a significação de casamento, filhos, família, desquite, morte e abandono” (p.180).

Para uma educação sexual que tenha esses objetivos a escola deve procurar compartilhar o plano curricular com os pais, para que não haja desavenças ou oposição ao trabalho. Ademais, os pais também são responsáveis pela educação sexual de seus filhos e, portanto, devem colaborar com a unidade escolar nesse sentido. Os educadores, por sua vez, precisam auxiliar os pais quando estes são tímidos e não se sentem preparados para instruírem seus filhos. Assim, como afirma

Mielnik (1980, p. 193), "pais e mestres devem completar-se em suas tarefas educativas".

Os pais e mestres têm, atualmente, uma grande quantidade de paradidáticos disponíveis para auxílio na orientação sexual das crianças. A produção de livros que abordam a temática da sexualidade cresceu muito nos últimos anos, visto que não há mais a mesma censura e repressão que enfrentava a educação na Fase da Negação e do Debate. Todavia, é necessário ter cautela ao se apropriar desses materiais, fazer uma leitura crítica deles, atentando para a qualidade da educação sexual que estão transmitindo. Muitos ainda desvinculam o sexo da formação ética e social do indivíduo, transmitem a idéia de que a relação sexual tem fins unicamente reprodutivos, trazem uma linguagem científica e técnica inadequada para determinadas faixas etárias, ou acabam banalizando e ridicularizando a sexualidade.

4. O Livro Didático

O livro didático tem sido foco de inúmeros debates e pesquisas, que defendem posições controversas; por um lado, a defesa da necessidade de utilização deste na elaboração das atividades pedagógicas e, por outro, a atribuição da responsabilidade do estado precário da educação escolar. Sabe-se, entretanto, que ele continua sendo utilizado como referência no apoio didático básico de muitos professores da rede pública no Brasil. Sendo assim, torna-se importante situar o importante papel que ele desempenha no contexto escolar.

De acordo com Bittencourt (2002), o livro didático serve a uma lógica mercadológica e impõe uma forma de leitura do mundo organizada por profissionais, e não exatamente pelo autor, como objeto da indústria cultural. Assim sendo, “o livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura” (ibdt, p.72) que trazem valores e estereótipos do grupo dominante generalizando os temas de acordo com os valores da sociedade branca burguesa. É, também, um instrumento pedagógico que implica nas estruturas dos métodos e nas condições de ensino implicando “não apenas nos conteúdos das disciplinas, mas também como esses conteúdos devem ser ensinados” (ibdt). Dessa forma, na análise da autora, o livro didático é limitado e condicionado por razões econômicas, ideológicas e técnicas.

Outro problema apontado pela autora é a redução da linguagem e do saber científico, que, apesar de divulgar informações importantes em uma linguagem mais acessível, acaba por reduzir a capacidade de elaboração crítica do leitor:

“A linguagem que produz deve ser acessível ao público infantil ou juvenil e isso tem conduzido a simplificações que limitam sua ação na formação intelectual mais autônoma dos alunos. Autores e editores ao simplificarem questões complexas impedem que os textos dos livros provoquem reflexões ou possíveis discordâncias por parte dos leitores. Sua tendência é de ser um objeto padronizado, com pouco espaço para textos originais, condicionando formatos e linguagens, com interferências múltiplas em seu processo de elaboração associadas à lógica da mercantilização e das formas de consumo”.

“Assim, o papel do livro didático na vida escolar pode ser o de instrumento de reprodução de ideologias e do saber oficial imposto por determinados setores do poder e pelo Estado” (ibdt, p. 73).

Todavia, a autora considera importante destacar que o livro didático possui vários sujeitos em seu processo de elaboração e passa pela intervenção de professores e alunos que realizam práticas diferentes de leituras e de atividades escolares, podendo, dessa forma, transformá-lo em instrumento eficiente e adequado às necessidades de ensino, principalmente mediante a ação do profissional de ensino.

A respeito das múltiplas abordagens dos livros didáticos o MEC (Ministério da Educação), preocupado com a qualidade das informações neles contidas, promoveu a implementação de um programa de avaliação do livro didático denominado PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), o qual também os indica oficialmente para a rede pública e é responsável pela distribuição daqueles que são escolhidos pelos professores e professoras nas escolas.

O objetivo principal deste programa é o de garantir a qualidade dos materiais didáticos analisando e avaliando as coleções de livros produzidos pelas editoras antes de comprá-las e distribuí-las nas escolas.

Este documento apresenta a concepção de que o livro didático, entendido como um objeto, é apenas um livro e o que lhe dará seu caráter e qualidade didático-pedagógicos, mais que uma forma própria de organização interna, depende do uso que se fará dele.

Acreditando que o livro é o domínio por excelência da escrita, afirma que o melhor, em todo e qualquer livro, está nas oportunidades que ele oferece de acesso privilegiado ao mundo da escrita e à cultura letrada.

5. Metodologia

Lüdke e André (1986) observam que entre as ciências, especialmente as humanas, vem acontecendo, em longo prazo, um movimento de busca pela superação de uma visão que prioriza uma estrutura fixa e estratificada do conhecimento. Nesse movimento, desmistificam-se as certezas do cientificismo, questionando a infalibilidade absoluta das ciências, recuperando, assim, a validade da interpretação a respeito dos fenômenos e objetos de estudo. Nessa mesma linha, defende-se que as ciências humanas não devem se conduzir pelos padrões das ciências naturais devido as suas especificidades.

Tomando por base fenômenos e fatos sociais, as novas linhas de pesquisa priorizam os aspectos qualitativos, expondo a complexidade humana e buscando observar, reconhecer e analisar os significados até então não trabalhados da vida social.

Segundo Masini (1994) esse novo enfoque metodológico amplia o conceito de verdade, pois não mais objetiva e enquadra a verdade na concepção do ser racional;

“Se como pesquisadores visualizamos o aluno como ser racional, trabalhamos um modelo abstrato, investigando sua maneira de pensar e os fatores que nela influem como inteligência, rapidez, atenção, etc. assim deixamos de ver o aluno na sua totalidade do seu pensar, sentir e agir na vida cotidiana”. (p. 62).

Assim sendo, a presente pesquisa adota a metodologia qualitativa de natureza bibliográfico- analítica.

De acordo com Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa supõe o contato direto com o objeto de estudo, sendo assim, para a realização da pesquisa foram coletados alguns livros paradidáticos com ênfase em orientação sexual, voltados ao ensino básico, dos quais foi realizada uma prévia análise apontando para a abordagem teórica de cada um deles.

Após a análise do enfoque destes livros, a pesquisadora focalizou o estudo buscando encontrar a linha de abordagem teórica sobre a sexualidade. O próximo passo foi analisar qual é a educação sexual proposta pelos livros paradidáticos em questão, a luz das atuais teorias sobre a sexualidade humana, buscando identificar a validação dessa abordagem para uma educação sexual emancipatória dentro do espaço escolar no ensino básico.

De acordo com Martins (1994), a descrição constitui uma importância significativa no desenvolvimento da pesquisa qualitativa e tem como função auxiliar o leitor no reconhecimento do objeto analisado:

“O mérito principal de uma descrição não é sempre a sua exatidão ou seus pormenores, mas a capacidade que ela possa ter de criar uma reprodução tão clara quanto possível para o leitor da descrição” (p. 56).

Visando, então, descrever o livro didático como objeto da pesquisa em questão, pretende-se seguir o seguinte roteiro de análise:

- Qual é a concepção, explícita ou implícita, de sexo e sexualidade presentes no trabalho?
- As informações são claras, corretas, pertinentes e atuais? Ou complexas, amplas e hermenêuticas?
- A linguagem é clara, fluente, rica e precisa? Ou pesada, impositiva e prescritiva?
- As ilustrações auxiliam na aprendizagem dos conteúdos? Elas reforçam/contradizem a mensagem dos textos?
- Como o autor trabalha a questão da identidade e da sexualidade? Existe relação entre esses conceitos?
- A mensagem é normativa/dogmática?
- A mensagem ou as figuras apresentam preconceitos de gênero? Induzem ao sexismo?
- Disponibilidade, preço acessibilidade, manejo.

A presente pesquisa limita-se, por meio desses procedimentos, à análise do livro paradigmático do seu conteúdo e informações, sem que seja possível analisar o uso que o professor fará dele e como estará sendo realizada a leitura dos dados apresentados na sala de aula.

6. Análise dos livros paradidáticos

Os livros escolhidos para análise nesta pesquisa foram três, além de uma coleção composta por doze livretos, outra composta por seis livretos e uma coleção de DVD's. Para fins didáticos, foram subdivididos em duas categorias:

1. Voltados a instruir crianças e adolescentes sobre a sexualidade: compõem este grupo os livros de Lenain (2004), de Cole (2003), e a coleção de Lopes (2000).
2. Voltados a auxiliar pais e professores na educação sexual das crianças: compõem este grupo o livro de Nunes e Silva (2000), a coleção de Dvd's de Nunes (2003) e a coleção publicada pela Igreja Metodista do Brasil.

6.1 Ceci tem pipi? Lenain, T.

Este livro é ilustrado por Delphine Durand e conta a história de um menino, chamado Max que acreditava que o mundo era dividido em pessoas com pipi e pessoas sem pipi, os meninos eram os com-pipi e as meninas as sem-pipi.

Para ele tudo ia bem, mas um dia entrou uma aluna nova em sua classe, na escola, chamada Ceci, e ele se espantou com as atitudes que ela possuía. A menina não fazia desenhos de florzinha, brincava de lutinha com ele e sempre ganhava, subia nas árvores, andava com bicicleta de menino, etc.

Então, Max começou a achar que ela era uma sem-pipi com pipi. Mas como não sabia se isso era possível resolveu investigar e passou a espiar Ceci em todos os lugares: no banheiro, na hora de dormir, mas nunca conseguiu evidência alguma.

Até que um dia, os pais de Max e de Ceci foram acampar na praia. Max pensou que seria uma ótima oportunidade para descobrir se Ceci tinha pipi e a convidou para nadar. Quando chegaram no mar se deram conta que esqueceram as roupas de banhos. Max teve a idéia de nadarem sem roupa e Ceci concordou. Quando estavam nus, Max se assustou ao ver que Ceci não tinha pipi e perguntou: Você não têm pipi? Ao que ela respondeu: não, eu tenho perereca. E entrou no mar.

Nas últimas palavras do livro: "Antes havia o pessoal com-pipi e o pessoal sem-pipi. Agora, tem os com-pipi e as com-perereca. Pois é... não tem nada faltando nas meninas!".

Este livro utiliza-se de uma linguagem clara e fluente, apropriada às crianças, e é ilustrado de forma criativa, sem desenhos técnicos ou informativos, mas reforçando a mensagem do texto. É um livro infantil que expõe o sexismo presente em nossa sociedade e desmistifica os estereótipos de homem e mulher, demonstrando que tanto o homem quanto a mulher possuem órgão sexuais diferentes, os quais diferem seu sexo, mas não determinam seus comportamentos.

Transmite uma concepção não repressiva, nem agressiva da sexualidade humana, que permite entender que existe uma significação cultural sobre o sexo, e rompe com o sexismo que acompanhou por longos anos a sociedade. Dessa forma, apresenta a identidade do menino e da menina sendo construídas ao tomarem conhecimento de seus corpos, da diferença entre os sexos e das imposições culturais sobre o ser menino e ser menina.

Ao questionar a existência do órgão sexual masculino nas meninas, o livro expõe uma grande curiosidade que as crianças de quatro a seis anos enfrentam, sendo assim, é importante que essa leitura seja realizada juntamente com uma conversa com as crianças sobre as dúvidas que elas tenham.

6.2. Coleção Sexo e Sexualidade. Lopes, Cida.

A coleção é composta por doze livretos explicativos sobre a sexualidade, com informações biológicas e concepções morais e estéticas, em linguagem simples e direta.

Os livretos são:

1. Sexo e sexualidade – Que bicho é este?
2. Que confusão – Por que é tão difícil falar sobre sexo?
3. Adolescência – Feliz...idade
4. Aparelho Reprodutor –Algumas diferenças e muitas semelhanças
5. Puberdade – De lagarta à borboleta

6. Relação sexual – quando o amor faz a diferença
7. Fecundação – O casamento perfeito entre o óvulo e o espermatozóide
8. Gravidez – A magia da vida
9. Gêmeos – Caixinha de surpresa
10. Nem tão rosa, nem tão azul – Ser menino e ser menina
11. Parto – Na hora “H”
12. Perguntas e respostas – quem pergunta quer saber

A coleção apresenta explicações biológicas sobre os fenômenos que intitulam os livretos e ilustrações que acompanham essas informações. O texto apresenta uma linguagem técnica para denominar as funções e os órgãos sexuais. Também trazem concepções morais sobre o sexo e a sexualidade. Por exemplo, o livreto que explica a relação sexual, compara o orgasmo à sensação que se tem ao encarar uma descida em um tobogã. Além disso, este livreto também afirma que a relação sexual é mais prazerosa quando existe amor entre os parceiros, pois assim começa-se uma história entre o casal. Nas palavras da autora: “Este é um dos principais motivos porque as pessoas se unem. Para construir uma história a dois, com sonhos, planos, confiança e respeito. E os filhos devem ser fruto desse sonho, porque foram criados em um momento de amor e prazer”.

Outro exemplo é o livreto “Ser menino e ser menina”, que demonstra como as identidades masculinas e femininas são construídas pela cultura e afeta diretamente a maneira de cada indivíduo se identificar com seu corpo.

Embora a coletânea aborde, em alguns momentos, questões éticas e culturais sobre a sexualidade, o faz de forma superficial, priorizando uma concepção médico-higienista, enfatizando a informação biológica, deixando de questionar os padrões éticos da mídia na erotização do corpo, ou a banalização sexual que vive a sociedade atualmente.

Explicações e informações biológicas não são suficientes para a expressão do comportamento sexual humano, visto que a sexualidade não está resumida ao físico de nosso corpo, mas também é emocional, psicológica e cultural.

6.3. **Mamãe nunca me contou.** Cole, B.

A escritora é também ilustradora deste livro que retrata as indagações e curiosidades mais comuns das crianças. As páginas de *Mamãe nunca me contou* contêm perguntas como "Onde os casais que não podem ter filhos arrumam um bebê?" ou "Por que a mamãe vive ocupada e não tem tempo pra mim?". Logo abaixo da pergunta existe um desenho que ilustra a questão e sugere uma resposta. Não há nenhum texto que busque responder as questões. As interrogações saem de um menininho de cabelos em desalinho, olhos redondos, apresentado no início do livro.

As informações que o livro traz tornam-se insuficientes, complexas e dão margem a interpretações diversas. Por isso, o livro pode suscitar mais dúvidas, ao invés de responder as questões apresentadas no texto.

As páginas do livro tratam de questões sobre a sexualidade, porém apresentam-nas de forma solta e desconexa.

Ademais, as ilustrações são irônicas, caricatas e muitas vezes agressivas, como é o caso da figura do homossexual e da ilustração acerca da relação sexual.

Dessa forma, o livro transmite o desrespeito com o diferente, a ridicularização da velhice, a agressividade com a mulher na relação sexual. De forma geral, há uma banalização da sexualidade humana.

6.4. **A educação sexual da criança.** Nunes, C. e Silva, E.

Este livro é voltado aos pais e educadores que buscam instruir crianças, jovens e adolescentes sobre a sexualidade humana. Através de conceitos históricos e psicológicos os autores apresentam elementos sociais que auxiliam na compreensão sobre a construção cultural da sexualidade e propõem a superação do sexismo e dos estereótipos sexuais. Apresentam uma proposta emancipatória de educação sexual. Uma educação que informe biológica, ética e esteticamente a criança para que ela tenha consciência de si e dos outros.

As informações trazidas pelo livro são ricas em conceitos e explicações psicológicas e biológicas, pertinentes ao público adulto, com quem o livro discute polêmicas atuais e importantes à formação das crianças e jovens.

6.5. **Educação Sexual.** Coleção de DVD's. Nunes, C.

É uma coleção composta por:

- DVD 1. Educação Sexual 1: Uma educação emancipatória
- DVD 2. Educação Sexual 2: Os primeiros 4 anos
- DVD 3. Educação Sexual 3: De 5 a 9 anos
- DVD 4. Educação Sexual 4: De 10 a 14 anos

Este trabalho traz informações claras e pertinentes, discutindo temas atuais e importantes na formação psicossocial das crianças e adolescentes. No primeiro DVD, por meio de uma linguagem fluente, simples e clara, é apresentado o conceito de educação sexual, a história da educação sexual no Brasil, a mídia como (des)educadora sexual e a necessidade de uma intervenção adequada dos pais e professores. Nos outros três DVD's, o autor apresenta conceitos psicológicos e filosóficos sobre o desenvolvimento da sexualidade nas diferentes fases da vida e sugere algumas ações didáticas para a orientação sexual.

Numa conversa com pais e educadores, Nunes apresenta o sexo e a sexualidade como dois conceitos interligados, mas diferentes. O sexo como marca genital e animal, e a sexualidade como a significação cultural do sexo, marca especificamente humana. Nestes DVD's, o autor desenvolve um panorama geral da Educação Sexual hoje e instiga pais e professores a refletir sobre as conseqüências de se ausentarem do processo de educação sexual das crianças e jovens, convidando-os a uma necessária, preparada e amorosa intervenção.

6.6 Crianças, Adolescentes e moços: Sua Educação Sexual. Chaves, O.

Esta é uma coleção composta por seis livretos, voltados aos pais e aos professores metodistas, sobre educação sexual.

Os livretos são:

1. A Criança e sua Orientação na Vida Sexual;
2. Aquelas primeiras perguntas sexuais;
3. A história da vida;
4. Preparando para a vida;
5. E a Vida Continua;
6. A idade romântica e o sexo.

Esta coleção foi publicada pela Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista no Brasil em 1956, ou seja, durante a fase de Debate vivida no Brasil. Portanto, faz frente às publicações de paradidáticos voltados a educação sexual. Nela a Igreja Metodista manifesta sua preocupação com o “estado de ignorância” que se vivia na época a respeito da sexualidade.

O primeiro livreto expõe o conceito de criança como um adulto em perspectiva, com a potencialidade de ser completo, mas que chega ao mundo como uma “tábua rasa” (sic). Por isso, alerta para a necessidade de instruir a criança de forma global, pois é um ser integral. E nesse sentido é que afirma ser necessário que a instrução sobre a sexualidade comece com elas ainda pequenas.

A coleção traz informações sobre o desenvolvimento psicológico das crianças e enfatiza a família como principal exemplo que a criança terá para aprender sobre sua própria sexualidade.

A sexualidade é apresentada como um conjunto de atitudes referentes ao desenvolvimento do corpo e inerente ao desenvolvimento do indivíduo, e a relação sexual, como um ato expressivo de amor que deve ser reservado ao matrimônio para que o gozo do amor sexual seja grandioso (sic). Dessa forma, não restringe o ato sexual a função de reprodução.

Em suma, é uma coleção que apresenta valores religiosos, cristãos, como se propõe, porém rompe com a negação e a repressão ao sexo à sexualidade, quebrando com os tabus a respeito do sexo que a Igreja Católica havia criado e marcando um avanço ideológico sobre a sexualidade.

7. Disponibilidade e acesso

Infelizmente, apesar de todos esses materiais paradidáticos estarem disponíveis facilmente para compra nas livrarias e em *sítes* da internet, não se pode afirmar que são acessíveis ao público brasileiro em geral. Primeiramente, porque a maioria da população não tem condições econômicas para arcar com gastos em livros, que são bens de consumo caros. E, também, porque não há formação para a leitura no Brasil, de forma que, ainda que haja disponibilidade financeira, o livro não é entendido como investimento.

Portanto, é importante que a escola, como formadora de leitores, apresente livros paradidáticos com qualidade para a formação sexual emancipatória.

8. Conclusão

Diante de todo o exposto, observa-se que a sociedade se encontra em um momento histórico propício para uma ação efetiva na qualidade da formação sexual dos indivíduos. Porém muitos estudos e projetos precisam ser aprofundados e apoiados para que a educação sexual nas escolas seja significativa.

A formação de professores tem sido foco de várias discussões e críticas, nos últimos anos e muitas melhorias já foram realizadas, entretanto muito ainda precisa ser alterado, principalmente no que diz respeito ao estudo da sexualidade. É necessário que os educadores recebam suporte teórico para que possam melhor esclarecer as dúvidas dos educandos e estabelecer diretrizes mais seguras à comunidade escolar.

Os livros paradidáticos auxiliam nesse aspecto e, por isso, é importante que a produção em livros de orientação sexual continue e cresça, buscando contribuir com a formação crítica e ética responsável de seus leitores. Porém, nunca serão suficientes para a formação de bases teóricas para o educador, pois se deve buscar também um aprofundamento científico do tema.

Além disso, no mercado encontram-se livros com diferentes bases filosóficas e concepções de sexo e sexualidade, sendo assim, os centros formadores de profissionais da educação deveriam, cada vez mais, preocupar-se em conhecer os materiais disponíveis para melhor orientação aos educadores.

Ademais, é importante que nenhum desses livros sejam utilizados apenas como atividade de leitura, sem que haja explicações e discussões a respeito dos temas que tratem. Os livros, aqui selecionados, devem ser utilizados como auxiliar didático na educação sexual. Nenhum deles é capaz, sozinho, de responder a todas as dúvidas das crianças e adolescentes sobre a sexualidade, nem de transmitir a ética e a estética, necessárias a uma educação sexual que vise ser emancipatória.

ANEXOS

ANEXO 01

Cole, B. Mamãe nunca me contou. Ed. Ática 2003.



ANEXO 02

Lopes, Cida. **Coleção Sexo e Sexualidade**. [S.L.] BrasiLeitura, [2000].



ANEXO 03

Lenain, T. **Ceci tem pipi?** 1º edição. Ed. Companhia das Letras, 2004.



9. Bibliografia:

- Barroso, C. e Bruschini, C. **Educação Sexual: debate aberto**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- Brasil (1997). Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Temas Transversais - Orientação Sexual.
- Circe Bittencourt. Livros didáticos entre textos e linguagens. IN: Circe Bittencourt (org). **O saber histórico na sala de aula**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- Cole, B. Mamãe nunca me contou. Ed. Ática 2003.
- EGYPTO, A. C. (org.). **Orientação sexual: um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.
- Foucault, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo - SP, 17ª Edição. Edições Graal, 2006.
- Guia do Livro Didático - Apresentação. Ministério da Educação. Disponível em:
http://www.fnde.gov.br/home/livro_didatico/pnld2007_apresentacao.pdf
Acesso em 16 de julho de 2007.
- Chaves, O. **Crianças, adolescentes e moços: sua educação sexual**. Junta de educação cristã. Igreja Metodista do Brasil. 1956.

- Lenain, T. **Ceci tem pipi?** 1ª edição. Ed. Companhia das Letras, 2004.
- Lopes, Cida. **Coleção Sexo e Sexualidade**. [S.L.] BrasiLeitura, [2000].
- Lüdke, M. e André, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo:EPU, 1986.
- Martins, J. A pesquisa Qualitativa. In: Ivani Fazenda (org). **Metodologia da pesquisa educacional**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- Masini, E. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: Ivani Fazenda (org). **Metodologia da pesquisa educacional**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- Mielnik, I. **Educação sexual na escola e no lar: da infância à adolescência**. São Paulo: IBRASA, 1980.
- NUNES, Cesar. *Educação Sexual – Uma Educação Emancipatória*. São Paulo: Atta Mídia, 2005, DVD I.
- _____ . *Educação Sexual – Os primeiros 4 anos*. São Paulo: Atta Mídia, 2005, DVD II.
- _____ . *Educação Sexual – De 5 a 9 anos*. São Paulo: Atta Mídia, 2005, DVD III.
- _____ . *Educação Sexual – De 10 a 14 anos..* São Paulo: Atta Mídia, 2005, DVD IV.
- Nunes, César. Silva, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

- Orth, Edgar. **Educação Sexual da Criança**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- Reich, W. **Psicologia de massa do fascismo**. Portugal: Publicações Escorpião, 1974.
- Rena, Luiz Carlos Castello Branco. **Projeto Casulo: refletindo sobre uma experiência educação afetivo-sexual no ensino fundamental**. Instituto de Psicologia – PUC Minas/ Betim. 2003.
- Santos, M. **Orientação Sexual No 1º E 2º Ciclos Do Ensino Fundamental: Uma Realidade Distante?** Monografia Final de Curso. Caicó: UFRN; 2001
- Souza, Hália P. de. **Descobrimo seu sexo: pré-adolescentes: faixa etária 9-12 anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- Werebe, M. **A educação sexual na escola**. Lisboa: Moraes, 1977.